Recebido: 29 de março de 2025 | Aceito: 15 de maio de 2025

ANTIGUIDADE E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA A PARTIR DA TEORIA FOUCAULTIANA

Alexandre Galvão Carvalho[1]

Ceres Alvez Luz[2]

Welington de Sena Santos[3]

Resumo

Este artigo, um relato de experiência em sala de aula, retrata a importância da História Antiga no currículo escolar, destacando seu potencial para promover a cidadania e o respeito à diversidade cultural. Ao focar especificamente no estudo do homoerotismo na Grécia Clássica, o texto explora como essa abordagem pode enriquecer o ensino de História, oferecendo aos estudantes uma compreensão mais ampla e crítica das diferentes manifestações culturais ao longo do tempo. Utilizando as reflexões de Michel Foucault como base teórica, o relato explora as noções de sexualidade no mundo antigo e contemporâneo, incentivando os discentes a refletirem sobre suas próprias concepções e preconceitos. Foram utilizados formulários durante as aulas, visando avaliar o impacto do conteúdo apresentado, na percepção dos estudantes sobre a sexualidade.

Palavras chave

Ensino de História Antiga; Sexualidade; Grécia Clássica.

[1] Professor Pleno – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil. E-mail: alexandre.galvao@uesb.edu.br.

[2] Mestre - Memória: Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil. E-mail: ceresluz.@gmail.com.

[3] Graduado – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil. E-mail: welingtonsenatcc@gmail.com.

Abstract

This paper is a report of a classroom experience that portrays the importance of Ancient History in the school curriculum, highlighting its potential to promote citizenship and respect for cultural diversity. By focusing specifically on the study of homoeroticism in Ancient Greece, the text explores how this approach can enrich History teaching, offering students a broader and more critical understanding of different cultural manifestations over time. Using Michel Foucault's reflections as a theoretical basis, the report explores notions of sexuality in the ancient and contemporary world, encouraging students to reflect on their own conceptions and prejudices. Forms were used during classes, aiming to evaluate the impact of the content presented on students' perception of sexuality.

Keywords

Ancient History Teaching; Sexuality; Ancient Greece.

Introdução

A História Antiga, como disciplina escolar, pode contribuir para a valorização do sujeito como responsável pela construção da História e, por conseguinte, de uma sociedade que respeita as diferenças étnicas, religiosas, políticas. Neste sentido, o estudo dessa disciplina é extremamente satisfatório para a consolidação da cidadania em nosso país por meio de sua abordagem multiculturalista e de diversidade presente em seu conteúdo. Assim, a História Antiga se constitui como um componente curricular imprescindível à educação e à formação do sujeito crítico, desenvolvendo as ideias de alteridade e diversidade, destacando as diferenças com o nosso contexto.

O presente artigo apresenta os resultados de uma proposta pedagógica, cujo principal objetivo foi traçar um diálogo entre a História Antiga e o Ensino de História, na educação básica. De modo mais específico, pretende-se abordar a sexualidade na Grécia Clássica, especialmente o período que vai do século V ao IV a.e.c., a partir do livro *História da Sexualidade 2, o uso dos prazeres* de Michel Foucault, como uma proposta para se refletir sobre a sexualidade no mundo antigo e contemporâneo.

Foucault historiciza as práticas sexuais, pois a sexualidade para ele é entendida como um dispositivo, um conjunto de discursos, técnicas e concepções que produzem e nomeiam as práticas sexuais de determinada maneira. Na Grécia Clássica, a relação entre dois homens livres é mais verdadeira do que entre homens e mulheres, porque dois homens são iguais e entre homem e mulher, a relação é desigual. Neste sentido, o amor verdadeiro só pode ser alcançado entre iguais, porém o amor entre dois homens não é homossexualidade, pois este conceito é estranho ao mundo grego, visto que foi construído no século XIX, na divisão entre homossexualidade e heterossexualidade (Rago, 2018).

No livro *História da Sexualidade 2, o uso dos prazeres,* Michel Foucault aborda a sexualidade na Grécia Clássica a partir da perspectiva dos prazeres. Procurando traçar um contraponto entre o antigo e o moderno, Foucault argumenta que a *enkrateia*, domínio de si, garante o domínio dos desejos e prazeres, interferindo no funcionamento da *polis*, pois permite não apenas o governo de si, mas também o governo do outro. O cidadão deveria controlar seus desejos para ser um bom administrador e cidadão. O filósofo não trata, portanto, a liberdade no mundo antigo a partir da mesma perspectiva do mundo moderno, onde as formas de controle são diferentes.

Na Grécia Clássica, a distinção entre um homem considerado afeminado e um homem viril não se baseava na oposição entre homossexualidade e

heterossexualidade, mas sim na diferença de atitude a respeito dos prazeres (Castro, 2009). Segundo Costa (1992) o termo homossexual, oriundo das palavras "homossexualidade" ou "heterossexualidade, está atrelado a costumes morais preconceituosos que qualificam certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. Acompanhando esse autor, preferimos utilizar o termo homoerotismo, pois este termo descreve melhor as práticas ou desejos dos homens pelo mesmo gênero, não caindo na dualidade homossexualidade e heterossexualidade. Assim, o termo homoerotismo serve como uma estratégia teórica para nos referir a uma sociedade diferente, mas mantendo uma familiaridade com a noção de "homossexualidade". Sendo assim, este conceito se refere a uma subjetividade na qual certos indivíduos podem possuir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico (Costa, 1992).

De acordo com Foucault, na Grécia Clássica, uma prática sexual é considerada um desvio de conduta quando é realizada sem controle, a ponto de prejudicar as ações do homem livre na sociedade, da mesma forma que a alimentação, por exemplo. Diferente da perspectiva moderna de homossexualidade, eivada por camadas culturais de diferentes períodos históricos da cultura ocidental, a exemplo do Cristianismo, na Grécia Clássica, não se classificava os indivíduos entre homossexuais e heterossexuais. O que definia a moralidade dessas práticas, não era o gênero dos envolvidos, mas a maneira como o prazer era exercido.

Tomamos essas premissas para explorar a ideia de alteridade, pois um dos objetivos do DCRB[4] para o ensino médio é dissipar preconceitos. Para alcançar este objetivo, contextualizamos a construção cultural atual e da Antiguidade sobre o homoerotismo.

Neste sentido, a proposta pedagógica foi realizada a partir da aplicação de um questionário de sondagem sobre a ideia de sexualidade dos estudantes em duas turmas do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Polivalente de Caravelas, localizado em Caravelas - BA. Em seguida, utilizou-se como ferramentas didáticas iconografias e trechos do livro *História da sexualidade 2, o uso dos prazeres*. Após estas aulas, aplicou-se um segundo questionário para avaliar se houve mudanças na concepção de sexualidade dos discentes.

[4] *Documento Curricular Referencial da Bahia, Etapa do Ensino Médio* - Volume 2, no seu item 5.2 Educação na diversidade e para a diversidade (DCRB, 2022).

O uso dessa metodologia, por meio de questionários e aulas expositivas, permitiu, em primeiro lugar, auscultar as percepções gerais dos discentes das turmas de primeiro ano do ensino médio acerca do tema, sem ainda terem contato com o conteúdo da proposta pedagógica. Após a exposição e debates do conteúdo, o segundo questionário foi utilizado para termos um parâmetro como o conteúdo foi absorvido pelos discentes. Esse instrumento nos pareceu relevante na medida em que manteve o anonimato dos discentes, visto que nos debates, alguns ficam mais intimidados em expor suas opiniões.

Diversidade, DCRB e a teoria foucaultiana

O conceito de diversidade pensado em uma proposta pedagógica, a partir do currículo proposto pela BNCC e pelo DCRB, exige uma reflexão sobre sua definição, pois não há uma concordância em relação ao termo, tendo em alguns casos, o significado de tolerância, aceitação ou talvez atitude, mas em outros casos, pode significar inclusão, números ou diferenças raciais e de gênero. Entretanto, diversidade pode implicar ações afirmativas ou leis desenhadas para assegurar a representação de grupos minoritários (Buch, 2008: 1).

O termo diversidade se refere à igualdade, inerente à nossa humanidade, e à diferença, que nos caracteriza como seres históricos, sociais e determinados pela cultura na qual estamos inseridos. Pessoas ou grupos sociais considerados "diferentes" do que aquilo que a classe dominante define como "padrão" carregam, durante sua vida, uma característica marcante, perpetuada de forma depreciativa. A diversidade está submetida a relações de poder entre indivíduos e grupos sociais, pois está relacionada àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, resultado das condições socioeconômicas e culturais (OXFAM, 1999). Dessa maneira, a luta social e política está na base do conceito de diversidade (Hall, 1997). Assim, o conceito de diversidade humana está intimamente ligado à inclusão em suas diversas formas – social, econômica, educacional e outras –, pois estão comprometidos com a defesa dos direitos humanos (Ferreira, 2015: 307-308).

Segundo o DCRB (2022), o ambiente escolar é permeado por uma enorme diversidade social, cultural, orientações afetivo-sexuais, identidades de gênero, sexualidades etc. Partindo desse pressuposto, a produção do conhecimento histórico deve avançar na tentativa incessante de compreender e inserir essas multiplicidades em uma abordagem plural de ensino-aprendizagem.

Dito isso, é importante salientar como a Constituição Federal e o DCRB coadunam para que haja uma educação pautada nos debates plurais, aproximando-a às questões relacionadas à diversidade. Assim, as propostas pedagógicas que norteiam as discussões sobre a sexualidade, no âmbito desse debate sobre a diversidade, no ambiente escolar, não devem promover estigmatização e sofrimento, pelo contrário, devem assegurar legalmente os indivíduos que compõem essas minorias da sociedade, como afirma o DCRB:

> No campo da diversidade de gênero e sexualidades, outro normativo recente que reforça a atuação dos/as educadores/as sobre a questão é a publicação da Resolução CEE-BA nº 45/2020, que dispõe sobre Educação das Relações de Gêneros e Sexualidades, a ser observada pelas instituições públicas e privadas integrantes do Sistema Estadual de Ensino da Bahia, conforme o art. 2º da referida resolução, que tem como princípios:
>
> I. Dignidade humana;
> II. Laicidade da educação;
> III. Educação democrática;
> IV. A equidade de gênero;
> V. Reconhecimento e valorização das diferenças e da diversidade de gênero e sexualidade;
> VI. Pluralismo de ideias e concepções pedagógicas;
> VII. Transversalidade e contextualização do conhecimento. (DCRB, 2022: 60).

Pensar uma educação pautada com o objetivo de romper estereótipos e preconceitos no campo das relações de Gênero e Sexualidade é uma premissa básica que sustenta o Documento Curricular Referencial da Bahia. O item 6.2.1. Educação para as Relações de Gênero e Sexualidade preconiza, em linhas gerais, uma educação atravessada pela compreensão de que gênero e sexualidade se referem a duas importantes dimensões humanas, intimamente relacionadas. Nesse sentido, todos os seres humanos se identificam na construção sociocultural do gênero e da sexualidade em determinado momento, uma vez que as "identidades são sempre construídas, elas não são dadas e acabadas" (DCRB, 2022: 77).

Partindo dessa base legal, a proposta pedagógica aqui relatada procura avançar na discussão das diversidades sexuais presentes nas representações e relações sociais existentes na escola, em consonância com o DCRB:

> (...) quando os currículos não dialogam com as temáticas da Educação para as relações de Gênero e Sexualidade, com e entre os sujeitos, as práticas de negação aos "diferentes" são potencializadas, uma vez que deixam de prepará-los/empoderá-los para situações dentro e fora do ambiente escolar, como abusos e violações de direitos expressos nas mais diversas formas de violências morais,

> psicológicas, patrimoniais, físicas e/ou sexuais contra meninas e mulheres, sobretudo as negras e os grupos LGBTQIA+ (DCRB, 2022: 78).

A temática da sexualidade na escola, desde 1994, abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal, amparada nas Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade salienta que a

> orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros (Brasil, 1997: 78).

Finalmente, a Resolução nº 4, do Conselho Nacional de Educação, de 13 de julho de 2010, tem como principal tarefa estabelecer, entre as Diretrizes Nacionais da Educação Básica, no parágrafo 3º, art. 43, capítulo 1, a definição sobre questões de gênero como um componente integrante dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) escolares:

> A missão da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, etnia e diversidade cultural que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular são componentes integrantes do projeto político-pedagógico, devendo ser previstas as prioridades institucionais que a identificam, definindo o conjunto das ações educativas próprias das etapas da Educação Básica assumidas, de acordo com as especificidades que lhes correspondam, preservando a sua articulação sistêmica (Brasil, 2022: 75).

Esses documentos, que gerem a educação brasileira, inserem a questão da sexualidade como uma proposta temática essencial, permitindo-nos pensá-la não só na realidade atual, mas também em realidades sociais pretéritas, pois, ao pensarmos em gênero e sexualidade como uma construção social, compreendemos que cada sociedade, de forma específica, em seu tempo e realidade histórica, forja, produz e se apropria culturalmente dessas categorias históricas, incluindo aí as experiências sexuais e de gênero a partir de valores singulares. Assim, pensar as questões de gênero e sexualidade no ensino de história leva-nos a identificar um legado cultural de alteridade das sociedades do passado, ajudando-nos a redimensionar essas questões no âmbito da educação e do ensino no presente.

Os cursos ministrados, por Foucault, na Sorbonne, na primeira metade da década de 70, são dedicados à questão das práticas disciplinares, que atuam nas instituições para a manutenção do poder, incluindo aí o campo

da sexualidade como objeto do saber. O discurso sobre o sexo, a partir do século XVII, propiciou a produção de uma sexualidade economicamente útil, visando o fortalecimento e aumento da potência do Estado, além de alargar as formas de violência de gênero.

Para ajudar no entendimento da proposta pedagógica acerca da sexualidade, presente nesses documentos, utilizamos as reflexões de Foucault sobre *aphrodisia, chresis aphrodision, enkrateia*, governo de si e governo dos outros como base teórica para avançar na perspectiva da alteridade, tendo clareza de que o objetivo central da proposta não é a teoria foucaultiana, que apresenta uma complexidade difícil de ser alcançada por discentes do 1° ano do ensino médio, mas introduzir elementos dessa teoria como suporte estratégico para alcançar nossos objetivos.

Dessa forma, o primeiro elemento que nos interessa é a relação entre prazer, desejo e moderação. A ética grega não dissocia o ato sexual, o desejo e o prazer, pois, para os gregos, a ética relacionada com a sexualidade é mais uma questão de autocontrole e moderação, diferente da ética cristã, mais voltada para a proibição e repressão da sexualidade. De acordo com Foucault:

> (...) O que na ordem da conduta sexual parece, assim, constituir para os gregos objeto da reflexão moral não é, portanto, exatamente o próprio ato (...), nem o desejo (...), nem mesmo o prazer (...); é sobretudo a dinâmica que une os três de maneira circular (...). A questão ética colocada não é: quais desejos? Quais atos? Quais prazeres? Mas: com que força se é levado "pelos prazeres e pelos desejos? (Foucault, 1984: 53-54).

Em seguida, nos interessa a relação entre *chresis aphrodision* e *enkrateia,* pois a *chresis aphrodision* não é apenas a atividade sexual, mas sim como o indivíduo administra suas atividades sexuais. Não se trata do que é permitido ou proibido entre os desejos experimentados ou os atos que se cometem, mas da prudência e do cálculo na maneira pela qual são distribuídos e controlados seus atos. Caso essas atividades sejam realizadas sem controle dos desejos, o cidadão demonstrará falta de domínio de si (*enkrateia),* que lhe permite resistir e garantir sua dominação no terreno dos desejos e dos prazeres (Foucault, 1984: 64-77). A falta de *enkrateia* é condenada socialmente, e não o ato sexual, que é percebido pelos gregos como um mal quando não é medido e distribuído como convém, desencadeando forças involuntárias, enfraquecendo a energia, levando a uma morte sem descendência honrada (Foucault, 1984: 153-166).

Foucault não está interessado em compreender a aceitação grega sobre as relações homoeróticas entre os homens, mas sim como essas relações foram

estruturadas culturalmente dentro de um sistema social e moral específico. Assim, essas práticas possuíam regras de conduta, que indicam como as práticas deveriam ocorrer para que fossem aceitas na sociedade, pois eram culturalmente construídas.

> Falando esquematicamente, o que é preciso apreender aqui não é por que os gregos tinham gosto pelos rapazes, mas sim por que eles tinham uma "pederastia": isto é, por que, em torno desse gosto, eles elaboraram uma prática de corte, uma reflexão moral (...) (Foucault, 1984: 263).

Esses elementos da teoria foucaultiana nos ajudaram a desenvolver os objetivos gerais da proposta pedagógica: a investigação da sexualidade e o homoerotismo na Grécia Clássica e nos dias atuais, partindo do pressuposto de que a sexualidade é uma construção social que muda ao longo do tempo. Não se pode perder de vista, o estranhamento que a proposta pedagógica causou sobre os discentes, visto que o tema é motivo de tabus, eivado de preconceitos. Entretanto, como o tema da diversidade subjaz a proposta pedagógica, o grande desafio a ser enfrentado foi despertar uma consciência de que a percepção de sexualidade dos discentes não é natural, pois se insere dentro de um contexto histórico, assim, como a percepção de sexualidade na Grécia Clássica.

Relato da experiência em sala de aula

Para alcançar nossos objetivos, estruturamos o trabalho empírico em algumas fases. Primeiramente, foram ministradas aulas introdutórias sobre a Grécia Clássica, contextualizando os alunos sobre os aspectos históricos e culturais relevantes. Em seguida, aplicou-se um formulário de sondagem para avaliar os conhecimentos prévios e percepções dos estudantes. Com base nesses dados, retomou-se a discussão do tema, desta vez com o auxílio de materiais iconográficos e trechos selecionados do livro *História da Sexualidade II: uso dos prazeres*, de Michel Foucault. Por fim, o processo foi concluído com a aplicação de um formulário de retorno, seguido de uma discussão final, na qual os alunos puderam refletir criticamente sobre os conteúdos abordados.

As aulas foram ministradas no Colégio Polivalente de Caravelas - Bahia para os alunos do 1° ano do ensino médio, especificamente, duas turmas (1°A e 1°B) do turno vespertino. A turma do 1°A possui 28 alunos matriculados e o 1°B, 27 alunos. Foram inicialmente ministradas aulas sobre as temáticas da Grécia Clássica: sua localização, sistema de governo, divisão por cidades-estados etc., para contextualizar os estudantes sobre o tema a ser estudado.

As aulas ocorreram durante os meses de agosto e setembro de 2023. Após as aulas introdutórias, os estudantes responderam um questionário com o objetivo de compreender a noção de sexualidade dos mesmos e o seu conhecimento prévio sobre o tema. A sondagem se deu em sala de aula, a partir de um formulário produzido no *Google Forms*, que obteve 39 respostas. A aplicação do questionário foi um passo essencial para identificar como os estudantes concebem a sexualidade, bem como para perceber possíveis estereótipos, lacunas conceituais e influências culturais em suas respostas. Optou-se por um formulário digital no *Google Forms* para facilitar a coleta e organização dos dados, garantindo anonimato e, consequentemente, maior liberdade e honestidade nas respostas.

Na aula seguinte, após a aplicação do questionário, foram apresentados no quadro os conceitos que seriam relevantes para o tema: sexualidade, homossexualidade, homoafetividade e homoerotismo. Em seguida, a sondagem voltou-se para as primeiras impressões acerca de cada conceito, procurando saber se: a) as palavras têm o mesmo significado; b) as palavras já são conhecidas; c) já tinham escutado acerca dos termos homoafetividade e homoerotismo. Nessa primeira sondagem, percebeu-se que muitos: a) compreendiam a palavra sexualidade por sexo; e b) as palavras homoerotismo e homoafetividade eram em grande parte desconhecidas.

Inicialmente, os discentes se mostraram tímidos, apesar do interesse no tema. No decorrer da aula, partindo da perspectiva atual, foram apresentadas as diversas compreensões da sexualidade, homossexualidade e do conceito de homoerotismo, explorando os interesses de relacionamento, o que despertou muito a atenção dos alunos. Neste sentido, surgiram novas impressões do cotidiano dos discentes: assexualidade, demisexualidade, pansexualidade, etc. Este debate abriu o caminho para abordar as diferenças culturais e sociais entre o mundo atual e o antigo. Foi apresentada a relação entre homens mais jovens (*efebo*) e mais maduros (*erastes*), em geral, presente no cotidiano da sociedade grega do período clássico. Este exemplo foi utilizado para explorar o tema da alteridade e anacronismo, pois os alunos interpretaram essas práticas como pedofilia, algo moralmente criminoso. Na terceira aula, foi apresentada a **Imagem 01** (Ícone B833), na qual Zeus agarra Ganimedes, que tenta se libertar**.**



Imagem 01: Dover, 1994.

Indagados sobre as primeiras impressões da imagem, em um primeiro momento, chamou a atenção dos estudantes as partes íntimas, em particular, o tamanho dos órgãos sexuais masculinos nas figuras e nas esculturas antigas. Em seguida, com o objetivo de explicar o padrão de beleza da Antiguidade, retomamos o conceito de anacronismo e de alteridade, demonstrando que o falocentrismo não ocupava o mesmo papel que ocupa no mundo atual. Após a descrição da imagem feita pelos alunos, apresentaram-se o contexto e as informações da imagem, no qual Zeus sequestra Ganimedes, e de acordo com a mitologia grega, baseado no livro de Pierre Grimal, *Dicionário de mitologia grega e romana,* o deus enamora-se com o mortal, um príncipe troiano, configurando uma relação homoerótica. Os estudantes já sabiam quem era Zeus e sua importância no panteão dos deuses gregos, mas não sabiam quem era Ganimedes. Os alunos lembraram que Zeus também desceu à terra para ter relações com mulheres não consentidas, como foi o caso com a mãe de Helena de Tróia, a rainha Leda, ressaltando a bissexualidade de Zeus.

Em seguida, foi apresentada a **Imagem 02** (Ícone R520):

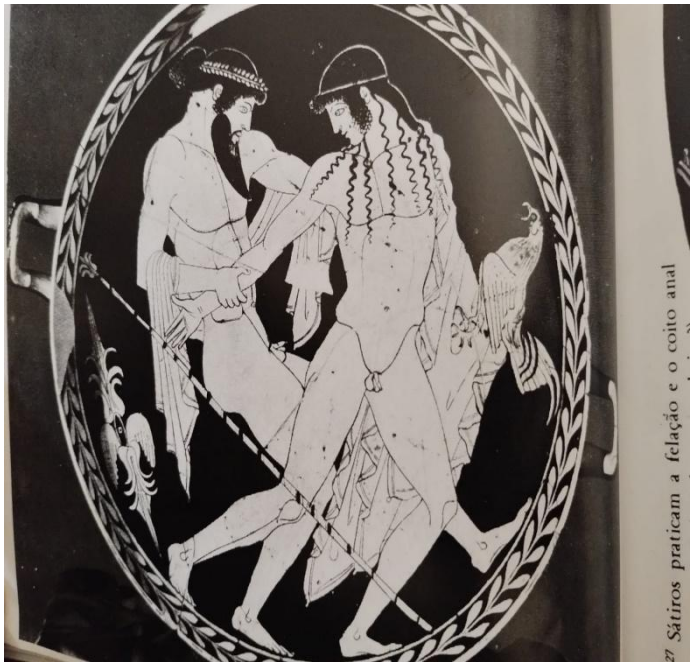


Imagem 02: Dover, 1994.

Na figura, um homem e um menino (*efebo*) colocam-se em posição para uma relação interfemural. Aqui, eles relataram que a imagem retratava idades e tamanhos diferentes entre os homens e, dessa maneira, iniciou-se o debate do tema da pederastia e da relação entre homens mais velhos e homens mais novos em Atenas. Novamente, destacou-se a questão do anacronismo, com o objetivo de afastar julgamentos morais sobre a questão, e procurar interpretar e contextualizar esse tipo de situação no interior dos valores da sociedade ateniense.

Dessa forma, levantou-se o debate dos motivos dessas relações serem aceitas em Atenas. Os alunos se interessaram em perguntar sobre como as mulheres pensavam essas relações. Aproveitamos para retomar a perspectiva de Foucault do amor entre iguais (homens e livres) na Grécia Clássica, diferente entre homens e mulheres, que era desigual, pois a mulher possuía uma posição social inferior. Ao final, ficou latente a dificuldade da turma de se distanciar dos conceitos e valores morais da sociedade atual, não se avançando, neste momento, em outras conexões que ajudassem a contextualizar a relação entre homens, na sociedade grega.

Na quarta aula, a partir de trechos do livro *História da sexualidade II: uso dos prazeres*, abordamos a *aphrodisia* com o fito de incitar os estudantes a compreenderem a relação entre prazer, desejo e moderação. O texto e seu vocabulário causaram estranhamento, incitando uma explicação etimológica, bem como a existência da ligação entre o ato em si e o prazer em relação ao ato e ao desejo. Procurou-se destacar que a questão não era tanto o ato sexual em si, mas as condições em que foram suscitados os

prazeres. A recepção junto aos discentes mais uma vez ficou concentrada nos valores vivenciados no contexto deles, levando-os a comparar o tema de debate ao vazamento de atos da vida privada na *internet*, a exemplo do caso do jogador de futebol Neymar, cuja "traição" à sua namorada, assunto muito comentado nas redes sociais, foi trazido à tona em sala de aula. Os discentes compreenderam, dessa forma, que o julgamento ético não seria o ato em si praticado pelo Neymar, mas nos valores morais de conceber as práticas conjugais na sociedade atual, demonstrando que os estudantes fazem permanentes associações com o seu mundo.

Na quinta aula, também utilizando trechos do livro de Foucault, abordamos a *chresis aphrodision* e a administração dos prazeres pelo indivíduo, assim como a sua relação com a *enkrateia* e a necessidade de ter este governo de si para governar os outros. Durante a explicação deste trecho, uma estudante lembrou da figura de Zeus e Ganimedes, pois, para ela, parecia que Zeus nunca tinha controle dos seus desejos, parecendo querer "ficar" com todo mundo que achasse bonito. A turma começou a debater sobre essa questão de controle dos desejos e, dessa forma, aproveitamos para realizar uma conexão com o conceito de governo de si para governar os outros, necessário para exercer a democracia em Atenas.

Em um determinado momento, um aluno disse que era difícil namorar na Grécia Clássica, pois tinha que pensar em muitas questões para justificar o que estaria fazendo, seus desejos e suas preferências. Tal comentário suscitou diversas falas acerca dos juízos de valor de diferentes sociedades no tempo, levando-os a refletir em qual sociedade era melhor viver, a exemplo da cantora Anitta, que se apresenta com uma sexualidade mais aberta, em contraponto com alguns influenciadores, que se mostram mais preservados, como alguns evangélicos, apesar de em alguns momentos terem sua privacidade exposta por conta de escândalos de caráter sexual. Concluíram que a ideia do cuidado de si, na Grécia Clássica, se contrapõe ao que eles compreendem como liberdade, comparando-se o antigo com o atual.

Na sexta aula, mostramos trechos do texto de Foucault sobre as diversas regras existentes na Grécia Clássica, pois existia toda uma cultura para gerir os atos sexuais. A partir desses textos, iniciou-se um balanço de todas as questões suscitadas por Foucault: pederastia, virilidade, passividade. Os discentes indagaram se essas características da sexualidade eram genéticas ou adquiridas pela cultura; se a passividade era atributo negativo das mulheres. Parte dessas indagações é exemplificada nos diálogos descritos abaixo:

Aluno 1: Por que os homens mais velhos dão presentes aos mais novos para conquistá-los?
Aluna 2: Igual como você, que deu bala para o aluno 3.
Aluno 3: "Lá ele"
Aluno 4: As pessoas nascem *gay* ou é cultural? Porque na Grécia só tinha gay.
Aluna 5: Por que você não experimenta?
Aluno 4: "Lá ele.

Em geral, as meninas se mostraram mais abertas e mais interessadas em discutir o tema do que os meninos que se retraíram e pouco comentaram durante a aula. Após as exposições, os estudantes, de forma anônima, preencheram um novo formulário para saber se algo mudou após a sequência de aulas, desta vez obtivemos 45 respostas.

Retorno dos discentes após as aulas

Partindo da análise dos formulários utilizados para sondagem de conhecimentos prévios do tema e, como forma de avaliação da aprendizagem do conteúdo, foram dispostas questões iguais e/ou semelhantes para traçar um paralelo entre o aprendizado desenvolvido anterior e posterior às aulas por meio de dois formulários.

A primeira pergunta, no primeiro formulário, foi direcionada para o entendimento sobre a sexualidade. Em sua maioria, o retorno obtido para essa pergunta esteve circunscrito a respostas com o termo "nada". Os que desenvolveram a resposta, em geral, informaram que as pessoas já nascem com sua "indicação sexual", demonstrando entendimento das formas de se relacionar com o sexo oposto, com pessoas do mesmo sexo ou gênero. Diante da pouca consistência das respostas, optou-se por não refazer esta pergunta no formulário pós-aula.

Na segunda questão dos formulários, "em algum momento da vida escolar, esse tema foi abordado?" O percentual obtido foi de 41% para sim e 59% para não. Essas duas primeiras perguntas apresentaram, nos conhecimentos prévios às aulas, a necessidade de abordagem da temática de gênero e sexualidade, e, em certa medida, a ausência de interesse em discorrer sobre o conhecimento possuído acerca do assunto em ambiente familiar e nos anos iniciais da educação básica.

A terceira pergunta foi de abordagem conceitual: "Você já ouviu falar sobre homoerotismo?" A maioria, 76,9 %, respondeu não e 23,1% disseram sim. Esse percentual alterou-se ao final das aulas, pois, quando refizemos o formulário, 66,7% responderam que já tinham ouvido falar em

homoerotismo, ou seja, dessa vez, a maioria dos alunos acumulou considerável conhecimento sobre o conceito.

Na quarta pergunta, questionou-se: "Na sua concepção, homoerotismo e homossexualidade são o mesmo conceito ou são conceitos diferentes?". Nesta questão, a maioria, 64,1%, respondeu no primeiro formulário tratar-se do mesmo conceito, não tendo diferença entre eles, e 35,9% marcaram que havia diferença entre os conceitos. Já no segundo formulário, a maioria se inverteu: 66,7% disseram que sim, existia diferença entre os conceitos, e 33,3% disseram que não existia diferença.

A quinta questão era referente à quarta pergunta do formulário: "Em caso de ter respondido conceitos diferentes, quais seriam essas diferenças?" Apesar de 35,9% terem dito que homossexualidade e homoerotismo são conceitos diferentes, os discentes não souberam explicar o que havia de diferente entre estes termos. As respostas variaram:

1. A concepção de que as palavras por serem diferentes seriam, consequentemente, conceitos diferentes; 2. A compreensão de que "talvez" homossexualidade estivesse relacionada com gênero das pessoas; 3. A ideia de que homoerotismo está relacionado com representação artística; 4. Homoerotismo como a forma de falar homossexualidade na Antiguidade.

Quando refizeram o formulário, após as discussões em sala de aula, as justificativas se modificaram. Dessa vez, as respostas alternaram entre: 1. Homossexualidade como relações sexuais e homoerotismo como relações amorosas, não precisando ser sexualizadas; 2. A homossexualidade como natural e o homoerotismo como algo "criado"; 3. Homoerotismo seria sexo entre homens mais velhos com homens mais novos; 4. Homossexualidade seria a atração entre homens do mesmo gênero, porém "gays", e o homoerotismo, seria a atração entre homens, mas sem serem "gays". Essas respostas demonstram que um dos objetivos da proposta foi alcançado, ou seja, traçar as distinções de termos que são historicamente datados, no caso do homossexualismo como um termo anacrônico para a Grécia Clássica.

Na sexta questão: "Como você imagina a sexualidade no mundo antigo?", no primeiro formulário, os estudantes enfatizaram o machismo nas relações, a exemplo da espera do casamento para ter relações sexuais. Além disso, ressaltaram que, no mundo antigo, as pessoas se casavam sem nem saber como era "feito" o sexo. Alguns discentes destacaram que a sexualidade era um pecado, um tabu e que não era discutida, pois os "antigos" eram preconceituosos, visto que não aceitavam a sua sexualidade, os casamentos eram arranjados, as mulheres eram forçadas a ter relações sexuais, as relações entre o mesmo gênero eram inaceitáveis e

perseguidas. As respostas demonstram a influência dos valores do mundo em que os discentes vivem, por isso respostas como: 1. A Grécia era uma "putaria" e o resto do mundo antigo, bem conservador; 2. Os homossexuais já existiam, mas eram "enrustidos"; 3. As relações homossexuais eram "normais" e mudaram com o surgimento de outras religiões.

Já no formulário posterior às aulas, as opiniões modificaram: 1. A homossexualidade foi vista como normal e aceitável; 2. No mundo antigo não havia homossexualidade, mas sim homoerotismo; 3. Apenas as relações entre os homens eram normalizadas; 4. As relações homossexuais na Antiguidade eram mais respeitadas; 5. A homossexualidade não era estranha, nem proibida; 6. Poderia haver namoro entre homens, mas não o casamento. Também aqui, acreditamos ter havido uma compreensão, mesmo que com limites, de diferenças entre a percepção de sexualidade do mundo antigo e da realidade dos discentes.

A sétima pergunta: "Você conhece alguma imagem, ícone, desenho ou objeto relacionado à sexualidade na Antiguidade?" Os discentes responderam, em sua maioria, 84,6% que nunca tinham visto. Já no formulário de retorno, 77,8% disseram que nunca tinham visto e 22,2% disseram que já tinham visto alguma arte relacionada à sexualidade. A oitava questão complementava a sétima: "Em caso de sim, qual representação?" Os poucos estudantes que tinham visto, no primeiro formulário, 15,4%, relataram: 1. A imagem da boneca Betty Boop; 2. A obra Deus e Adão de Michelângelo; 3. Imagens do livro de História; 4. Uma escultura de dois homens; 5. Uma imagem de Narciso. No formulário pós-aula, os alunos citaram as gravuras dos vasos, pintura e estatuetas com dois homens juntos.

Os estudantes foram indagados em sala sobre as suas respostas, pois, durante as aulas, as turmas tiveram acesso às imagens de vasos gregos que representavam o homoerotismo, entretanto, tais imagens não foram percebidas como representações relacionadas à sexualidade, mas sim algo sugestivo. Dessa maneira, os estudantes demonstraram ainda não compreender bem a semântica relacionada à sexualidade.

A nona questão: "Como a nossa sociedade interpreta as relações entre pessoas do mesmo sexo?" 33,3%, pecaminosa; 30,8%, intolerante; 23,1%, aceitável; 7,7%, violenta; e 5,1%, bem-vista. No formulário de retorno, as respostas foram as seguintes: 53,3%, intolerante; 22,2%, aceitável; 17,8%, pecaminosa; 4,4%, violenta; e 2,2% bem-vista.

A décima questão, uma das questões mais relevantes da proposta: "Existia diferença de tratamento na forma de interpretar essas questões no passado e na sociedade atual?" 76,9% responderam sim e 23,1% responderam não. Dentre as justificativas a essa pergunta, presentes nas respostas da décima primeira questão, temos o seguinte quadro: 1. Na Antiguidade, as pessoas não abordavam este tema; 2. Não existiriam relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo; 3. Com a tecnologia, ficaram mais fáceis aceitar as relações entre o mesmo sexo. Assim, a maioria dos estudantes, antes das aulas sobre o tema, acreditava que na Antiguidade, era pior a relação da sociedade com a sexualidade, mais pecaminosa e intolerante.

Após as aulas, em resposta ao novo formulário, 57,8% disseram que sim, havia diferença de tratamento. Nas justificativas, temos os seguintes relatos: 1. Seria mais aceitável na Antiguidade; 2. O namoro entre homens era comum; 3. O namoro entre pessoas mais velhas e mais jovens também era aceitável; 4. A religião modificou como a sexualidade era vista com o passar do tempo; 5. Na sociedade atual, os LGBTs recebem mais apoio e são mais aceitos. Aqui, chamou-nos a atenção que, apesar de baixar o percentual dos que acham que há diferença, o conteúdo das justificativas mudou qualitativamente, demonstrando que os discentes superaram o desconhecimento acerca do antigo, presente nas justificativas do primeiro questionário.

As perguntas seguintes mudaram o direcionamento, voltando-se para percepções mais individualizadas acerca do tema. No formulário realizado após as aulas, perguntamos se a compreensão sobre sexualidade mudou. A maioria, 60%, disse não e 40% sim. As justificativas foram: 1. Tinham uma opinião formada sobre a homossexualidade e com a aula apenas descobriram mais detalhes; 2. A visão da homossexualidade na Antiguidade, mudou radicalmente; 3. Aprenderam sobre a sexualidade, mas não mudaram de opinião.

Quando perguntados se gostariam de ter mais aulas como essas, 75,6% responderam que sim e 24,4% responderam que não.

Ainda no formulário de retorno, perguntou-se se a concepção sobre a homossexualidade se manteve a mesma antes das aulas: 68,9% disseram "não" e 31,1% afirmaram "sim". Dentre os que disseram não, as justificativas foram bem diversificadas, por exemplo: 1. Não mudaram sua compreensão, mas descobriram novos "detalhes"; 2. Disseram: "ficam com quem quer"; 3. Aceitam apenas relações heterossexuais; 4. Acham errado a homossexualidade; 5. Já acham corretas as práticas homossexuais e, por isso não mudaram de opinião. Os que mudaram de opinião, 31%, ressaltaram que compreenderam o que é homossexualidade e também o

que seria homoerotismo na Grécia Clássica. Além disso, na concepção dos alunos, a abordagem serviu para aprender mais sobre como outras sociedades pensam sobre o tema.

A última questão do formulário foi uma avaliação diagnóstica sobre a recepção dos alunos em relação ao tema. A maioria gostou, achou divertido e se interessou pelo assunto. Diante das reações, foi realizada mais uma aula de intervenção com roda de conversa e debate para aprofundamento do tema e de novas questões que porventura surgissem.

Considerações finais

Partindo de inquirições que estão presentes em nosso cotidiano, buscou-se produzir, neste artigo, uma reflexão sobre o fenômeno da sexualidade na Grécia Clássica, à luz da teoria foucaultiana. Procurou-se identificar as principais diferenças e similaridades entre nós e os gregos e avançar em temáticas estabelecidas nas orientações curriculares acerca do tema da alteridade, utilizando a Grécia Clássica como marco temporal para romper com preconceitos e intolerâncias.

Além disso, a abordagem pedagógica proposta está em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Constituição Federal, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), na medida em que objetivamos promover, por meio dos aspectos sociais e culturais da sexualidade na Grécia Clássica, uma educação fundamentada em debates plurais, superando estereótipos e preconceitos. Também, procuramos superar com as aulas as lacunas no vocabulário e dificuldades na interpretação de textos, provenientes, em grande parte, de uma perspectiva anacrônica na análise de contextos históricos distintos.

As aulas sobre o tema mostraram que os discentes confundem alguns conceitos e apresentam juízos de valor, oriundos de seus espaços sociais. Neste sentido, as reflexões sobre o campo da sexualidade, enquanto um dispositivo que produz saber e poder, a partir da perspectiva de Foucault, são desafiadoras para se pensar a relação passado e presente. Levando em consideração, particularmente, o campo do currículo, as reflexões de Foucault são indispensáveis para os que se dedicam ao ofício de pensar e fazer currículos, e que reconhecem o quanto as complexas práticas e relações implicadas nessas tarefas ainda precisam ser problematizadas e compreendidas, mesmo entre os docentes.

A necessidade de se repensar a abordagem relacionada às questões de gênero e sexualidade, com vistas à produção de um conhecimento crítico que fomente a superação das desigualdades e das violências, presentes em nosso cotidiano, é fundamental no combate à naturalização dos processos históricos.

As aulas sobre sexualidade e gênero, baseadas na obra de Foucault e na iconografia da época, mostraram que a História da Grécia Clássica pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de um ensino crítico, valorizando a diversidade e o respeito. Antes das aulas, observou-se uma certa resistência por parte de alguns estudantes em discutir abertamente a temática da homossexualidade. No entanto, após as aulas, percebeu-se uma mudança de atitude, com os estudantes demonstrando maior receptividade para compreender a questão da sexualidade na sociedade grega. O distanciamento temporal proporcionado pela análise da sexualidade na Grécia Clássica contribuiu para desmistificar a ideia de naturalidade da sexualidade e do gênero, promovendo uma compreensão mais ampla da construção histórica desses conceitos.

Referências

BAHIA. Secretaria de Estado da Educação. *Documento Curricular Referencial da Bahia para o ensino médio*. v. 2. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 17 jul de 2023.

BUCH. *Diversity:* an overview. EQA, 2008. Disponível em:. Acesso em: 20 nov. 2015.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Jurandyr Freire. *A inocência e o vício:* estudos sobre o homoerotismo. 2ª edição, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DOVER, Keneth J. *A homossexualidade na Grécia antiga.* Tradução Luís Sérgio Krausz - São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FERREIRA, Windyz Brazão. O conceito de diversidade no BNCC: relações de poder e interesses ocultos. In: *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 299-319, jul./dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: 2.* O uso dos prazeres**.** Tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUSD, H. *Uma trajetória filosófica:* para além do estruturalismo e da hermenêutica**.** Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-149. Edição original: 1982.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

HALPERIN, David M. *One hundred years of homosexuality and other essays on greek love*. New York, London: Routledge, 1990.

_____. *Saint Foucault*. Towards a gay hagiography. New York: Oxford University Press, 1995.

NÓVOA, Antônio. *Escola e Professores*: proteger, transformar valorizar. Salvador: Instituto Anísio Teixeira, 2022.

OXFAM. *Breaking the cycle of poverty*: education now! OXFAM, 1999.

RAGO, Margareth. *Foucault*: a filosofia como modo de vida.2018. 49 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIoclI. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

REIS, José Carlos. *História & Teoria:* Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Welington de Sena; CARVALHO, Alexandre Galvão. A História Antiga no Ensino Médio, a partir de uma perspectiva foucaultiana. In: XI Encontro Estadual de História da ANPUH Bahia. (De) colonialidades da história: independências, imperialismos e cidadania. 2022, Salvador, Bahia. *Anais Eletrônicos*, Anpuh, 2023. p. 1-11. Disponível em: https://www.encontro2022.bahia.anpuh.org/resources/anais/15/anpuh-ba-eeh2022/1659835683_ARQUIVO_d4dc7f7f7d7530c5fa21a7f6fc5cfdef.pdf; Acesso em: 18 de junho de 2023.

SILVA. Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação***:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994 – (Ciências sociais da educação) vários autores.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.